

PARADA MUSICAL

Sons que vêm do subsolo

Os milhares de passageiros do metrô do Rio que cruzarem a estação do largo da Carioca, nesta segunda-feira, 8, a partir das 18h30m, não devem se assustar com a feérica presepada ali armada para receber um dos mais tradicionais malandros da República, com seus indefectíveis óculos escuros, terno de linho branco e chapéu panamá. Do alto de seus 83 anos de idade e algumas centenas de sambas de breque, o cidadão Moreira da Silva, aliás Kid Morengueira, estará inaugurando um original projeto de animação cultural – o Metrô-Música, lançado pela Rioarte, o Instituto Municipal de Arte e Cultura do Rio de Janeiro.

É a primeira de uma série de dez noites patrocinadas pelo óleo Lubrax, da Petrobrás, com espetáculos de alguma forma ligados à história da música, no centro da cidade, mais propriamente na região identificada como *corredor cultural* – uma área de 294 mil metros quadrados destinados à preservação arquitetônica e de uso urbano, limitada ao norte pela praça 15, ao sul pelos arcos da Lapa, a oeste pelo Campo de Santana e a leste pela Cinelândia.

Na terça-feira, 9, o compositor e pianista Antônio Adolfo vai tocar Ernesto Nazareth e Chiquinha Gonzaga, lembrando os chorões do Rio antigo. A noite seguinte homenageará os 105 anos da gafeira, com a orquestra de Raul de Barros, o Raul do Trombone. O grupo Cama de Gato, com Mauro Senise no sax e flauta, Rique Pantoja nos teclados, Arthur Maia no baixo e Paschoal Meireles na bateria, tocará um jazz moderno, na maioria composições de integrantes do grupo. E a semana se encerra na sexta, 12, com o bandolim de Deo Rian e seu conjunto, o Noites Cariocas, um regional que desde 1977 se dedica à música brasileira de tradição cultural. Na segunda quinzena, com fecho de ouro, a rainha do chorinho, Ademilde Fonseca (quinta-feira, 18), e Bezerra da Silva (sexta), com o samba na tradição de Sinhô e Ismael Silva, fecham esta primeira etapa do Metrô-Música – um projeto que pretende voltar ao subsolo carioca em outubro, com atrações novas na forma, mas, obrigatoriamente, de conteúdo enredado à velha e eterna história da música popular brasileira. ▲

EDUARDO SIMÕES



Aílton no ar: para conquistar novos aliados

RÁDIO

Em FM, a voz do índio

Embora o nome da emissão possa sugerir uma brincadeira de mau gosto, quem sintonizar a Rádio Universidade de São Paulo (USP) na faixa de FM (93,7 MHz), aos domingos, às 18h30m, terá uma surpresa ao ouvir o *Programa de Índio*. Estará diante de uma experiência pioneira no Brasil: um programa produzido e apresentado por índios, dirigido a uma minoria índia que mora em São Paulo e, sobretudo, a uma maioria branca que pouca coisa conhece dos índios brasileiros. “Nosso objetivo é levar informações a uma população que pode ser nossa grande aliada”, diz Aílton Alves Lacerda, 31 anos, índio krenac originário da região do Vale do Rio Doce, em Minas Gerais. É Aílton que produz e apresenta o programa, com duração de trinta minutos, ao lado de Álvaro Sampaio, índio tukano do Alto do Rio Negro, no Amazonas. Os dois pertencem ao movimento União das Nações Indígenas (UNI), com sedes regionais em todo o Brasil.

Se alguém esperar um programa folclórico, terá uma segunda surpresa. Logo na estréia, no último dia 30, Álvaro e Aílton deram bem o tom do que é *Programa de Índio*. De início, já deixaram claro qual era o projeto da UNI, “um órgão de consciência da nação indígena”, e o objetivo do programa: “fortalecer a cultura indígena e afirmar o direito dos índios de viverem como seres humanos”. Daí em diante o que se viu foi um programa incisivo, contundente,

recheado de denúncias, ligadas, sobretudo, às questões de demarcação de terras.

Aílton e Álvaro, além disso, entrevistaram o índio Biraci Brasil, da aldeia yawanawá, do Acre, que fez severas críticas à Funai, acusando-a de incompetência na demarcação das terras dessa tribo. “Esta iniciativa é perfeita”, entusiasmou-se o antropólogo Edgard de Assis Carvalho, da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo. “Eles fazem denúncias, não caem no blablablá dos antropólogos que ficam discutindo a cultura indígena sem politizar a questão.” Para aplacar um pouco a contundência do noticiário, Aílton e Álvaro fazem intervalos com músicas recolhidas junto às tribos indígenas. No programa de estréia, por exemplo, eles apresentaram músicas dos Suyá, do Xingu, e os cantos dos Suruí, de Rondônia. No programa deste domingo, 7, os apresentadores voltam à carga, agora entrevistando o antropólogo Gilberto Azanha, ex-delegado da Funai em Goiás. Ele vai trazer notícias frescas de episódios policiais envolvendo a demarcação de terras dos índios apinajés, na região de Tocantinópolis, no Norte do Estado, que resultaram na morte de um velho índio e ferimentos graves em dois outros.

“É uma responsabilidade nossa dar força a esses protestos”, diz o radialista Luís Fernando Santoro, diretor da Rádio USP, que encampou o projeto radiofônico dos índios da UNI sem fazer imposições de qualquer tipo, respeitando até mesmo sua inexperiência no ramo. “Não vamos copiar programas que já existem”, assume Aílton, ainda inseguro diante do microfone. “*Programa de Índio* tem que expressar o que nós somos, inclusive a nossa dificuldade com a língua do branco.” ▲